

Dívida em leilão

Seiscentos milhões de dólares estão na fila de credores externos do Brasil interessados em atender à proposta do Governo para converter seus créditos em títulos. Os créditos esperam pelo primeiro leilão de conversão, amanhã no Rio de Janeiro, quando entram em jogo 150 milhões de dólares de um lote inicial.

Os números na fila do leilão são modestos, mas demonstram pelo menos duas coisas inicialmente. Uma delas é o fato de que credores responderam positivamente à proposta brasileira, aceitando transformar seus créditos em operação de risco. Outra é o realismo com que aceitam a situação de que o Brasil não tem como pagar sua dívida.

Seria uma ilusão até mesmo irresponsável dos credores julgar que o Governo brasileiro pode reunir recursos para resgatar seu débito fabuloso e os juros inesgotáveis. Qualquer observação em cima dos números da balança comercial brasileira demonstra essa impossibilidade de o País arrancar com uma dívida contraída quando os tempos eram mais favoráveis.

O mais sensato para os credores externos é o reconhecimento de que o risco está presente em todas as alternativas existentes para a dívida. Não há nenhuma que não inclua o risco em seu conteúdo, assim como não existe milagre, mas apenas uma dívida que se multiplica ininterruptamente a ponto de projetar-se para as incertezas do infinito.

Risco por risco, a melhor opção é, sem

dúvida, aceitar a proposta pela conversão, que concentra em si o aval do Governo brasileiro à operação — por mais inexpressivo que esse aval possa ser a esta altura da dívida e da profunda crise econômica que afoga o País, sem apresentar sinais concretos de uma recuperação em determinado prazo.

Nesse contexto, cabe ao Governo brasileiro corresponder aos interesses que os credores apresentaram pela sua proposta e trabalhar para que a fila à espera de leilões se engrosse com novas adesões. E, ao mesmo tempo, manter-se vigilante para que essas conversões em títulos não desregulem ainda mais os mecanismos econômicos internos do País.

Otimista, o presidente do Banco Central, Elmo de Araújo Camões, declarou no final da semana que as conversões podem chegar ao expressivo montante de vinte bilhões de dólares — essa soma seria a consagração da proposta brasileira, amortizando sensivelmente a dívida e trazendo dinheiro novo para dinamizar uma combalida economia.

Acrescenta o presidente do Banco Central que os vinte bilhões de dólares podem ser atingidos “quando se desejar”. Porém, do lado interno, há o risco de que o ingresso de tão expressivo valor desequilibre ainda mais o metabolismo econômico local. Reconhece Camões que esse dinheiro pode levar a elevadíssima inflação nacional a um patamar ainda mais alto, possibilidade que deve ser minuciosamente examinada.